

Cameron, Deborah *et al* *Researching language: issues of power and method*. London and New York: Routledge, 1992, 148págs.

RESENHADO POR: ERIKA FRANÇA DE S. VASCONCELOS

*Researching language* foi escrito ao longo de cinco anos por cinco pesquisadores de diferentes áreas de estudo (antropologia, estudos culturais, sociologia e sociolinguística), os quais começaram a se interessar pela política do processo de pesquisa desde uma conferência sobre lingüística e política, realizada em Lancaster, Grã Bretanha, em 1986. Todos os autores haviam anteriormente desenvolvido pesquisas em situações caracterizadas pela desigualdade, e a pergunta que surgiu então foi se a pesquisa poderia ser usada para 'fortalecer' naquelas situações, beneficiando, assim, tanto pesquisadores quanto pesquisados. O livro procura, portanto, responder a essa pergunta, por meio da descrição de quatro 'estudos de caso', que, como é enfatizado repetidas vezes pelos autores, não se propõem a ser modelos ou receitas de 'pesquisa fortalecedora'. Os 'estudos de caso' foram, sim, a oportunidade encontrada por eles para reavaliar criticamente, e sob uma nova perspectiva metodológica, as pesquisas que haviam desenvolvido, procurando mostrar como as ciências sociais servem de instrumento de projeção do poder social, segundo os interesses do grupo dominante, e como poderiam vir a 'fortalecer' os sujeitos da pesquisa lingüística.

No capítulo introdutório, são mostrados os diferentes métodos usados por pesquisadores em geral, de acordo com as diferentes questões epistemológicas levantadas na pesquisa. Um desses métodos, o *positivismo*, estuda, do ponto de vista científico (sem considerações de valor), a frequência, distribuição e caracterização dos fenômenos *observáveis*. O paradigma adotado é o do 'paradoxo do observador': a idéia do investigador distanciado, que apenas coleta os dados, "como eles realmente são", sem influenciar o comportamento dos pesquisados, muitas vezes escondendo sua identidade e seus verdadeiros propósitos dos pesquisados. Outros métodos, o *relativismo* e o *realismo*, vêm desafiar a posição hegemônica do positivismo. O *relativismo* não reconhece o paradoxo do observador como um problema, pois a realidade, para um relativista, não é uma entidade fixa e independente, mas depende da forma como nós a percebemos. Nas ciências sociais, o relativismo procura compreender o papel da linguagem na construção da realidade social do

agente, e não como mero instrumento de reflexão de alguma ordem não lingüística preexistente. Segundo a etnometodologia, um pesquisador social é como qualquer outra pessoa, pois experiência uma situação; a pesquisa é, na verdade, o relato da sua experiência. Para os etnometodologistas, que reagem contra a idéia marxista da 'falsa consciência', as coisas são como os sujeitos dizem que são. Já o *realismo*, ao mesmo tempo em que concorda que a realidade exista externamente ao observador e independentemente dele, enfatiza que essa realidade é impossível de ser observada ou descrita de forma definitiva, uma vez que o observador não é todo-poderoso e pode cometer erros ao descrever algo.

Partindo da suposição que a pesquisa lingüística é sempre uma pesquisa social, os autores de *Researching language* rejeitam os métodos de pesquisa 'objetivos' do positivismo, pois o estudo da linguagem não deve ignorar a compreensão da realidade que os próprios pesquisados têm, nem a interação inevitável entre pesquisador e pesquisado, e também não pode estar dissociado do contexto sócio-político ao qual pertence a linguagem.

O capítulo introdutório define, ainda, três abordagens de pesquisa, a saber, pesquisa *ética*, *defensora e fortalecedora*, mostrando que as pesquisas ética e defensora estão ligadas a considerações positivistas, e a fortalecedora, a elementos relativistas e realistas.

A pesquisa *ética*, que é a pesquisa 'sobre' o sujeito social, preocupa-se em evitar a exploração do pesquisado e preservar sua privacidade, além de buscar formas de compensá-lo (com dinheiro ou presentes) pelo eventual incômodo ou desconforto da pesquisa. No entanto, a preocupação com o pesquisado é puramente ética, uma vez que a pesquisa é permeada pela posição positivista do distanciamento, a fim de evitar interferências.

A pesquisa *defensora*, por sua vez, é a pesquisa 'sobre' e 'por' alguém. O pesquisador que assume o papel de defensor não busca apenas satisfazer seus interesses de reconhecimento na comunidade acadêmica, mas direciona a pesquisa ao benefício da comunidade pesquisada, pagando o débito que havia assumido com ela durante a pesquisa.

A pesquisa *fortalecedora*, ou que 'dá poder', é vista como a pesquisa 'sobre', 'por' e 'com'. Esse 'com' implica que são usados métodos interativos ou dialógicos. O conceito que os autores têm de poder combina os conceitos de Marx e Mao, de uma *economia* do poder (o poder visto como uma propriedade que, em certos contextos, algumas pessoas podem ter mais do que outras) e a definição de Foucault (1980: 98) de que existe uma relação múltipla de exercício do poder (não se trata de algo que possui apenas uma origem), ligada ao saber, aos 'regimes de verdade' e à resistência. Na pesquisa fortalecedora, os pesquisados envolvem-se ativamente na formulação e discussão do problema de pesquisa, ajudando a construir as teorias

sobre sua própria experiência. Diferentemente da pesquisa defensora, o pesquisador não apenas fala pela comunidade, mas capacita-a a defender a si mesma. Os autores salientam que não defendem o fortalecimento como uma exigência absoluta em todos os projetos de pesquisa, mas procuram identificar os contextos em que seria apropriado.

No processo de pesquisa fortalecedora adotado no livro, três questões principais são levantadas: (a) o uso de métodos interativos ("As pessoas não são objetos e não devem ser tratadas como objetos."); (b) a importância dos roteiros dos próprios pesquisados ("Os sujeitos têm seus próprios roteiros e a pesquisa deve procurar considerá-los."); e (c) a questão do *feedback* e compartilhamento do conhecimento ("Se vale a pena adquirir o conhecimento, vale a pena compartilhá-lo").

No Capítulo 2, temos o primeiro estudo de caso, intitulado *Scope for empowerment in Sociolinguistics?* (Oportunidade para o fortalecimento na Sociolinguística?). Nele, Ben Rampton relata sua pesquisa sobre o uso e as atitudes linguísticas entre jovens de ascendência asiática em uma cidade inglesa. Baseado na sociolinguística variacionista e na etnografia da comunicação, ele analisou a distribuição de variantes fonéticas e sintáticas e sua importância social para falantes e educadores. Rampton classifica sua pesquisa como defensora, pois criticou algumas posições ortodoxas dominantes e preconceituosas sobre a linguagem dos grupos sociais subordinados (inglês falado na Índia e no Paquistão) e expressou isso na esfera educacional. O exercício de *feedback* aos informantes foi ético, buscando o consentimento deles e alguma orientação para publicação. Rampton vê sua pesquisa como potencialmente fortalecedora, pois usou procedimentos interativos de coleta de dados, abrindo espaço, portanto, para os roteiros dos informantes e apresentando a eles o campo da pesquisa, porém reconhece que o caráter fortalecedor da pesquisa foi limitado. Os informantes não decidiram o que deveria ser analisado e como deveria sê-lo, bem como pouco puderam influenciar o modo como a pesquisa os representou. Também nenhum esforço foi feito pelo autor no sentido de descobrir se seria do interesse dos informantes aproveitar os resultados da pesquisa e desenvolvê-los em direções diferentes das do seu interesse. Finalmente, Rampton procura redefinir o conceito de fortalecimento ao afirmar que a percepção dos informantes não precisa ser o objetivo final da análise social e que o fortalecimento pode ser considerado além do contexto da relação interpessoal entre pesquisador e pesquisado(s), incorporando uma nova visão das realidades sociais. A pesquisa de Rampton, segundo ele, salientou as conexões entre linguagem, hierarquia e educação, questionando as posições ortodoxas dominantes em favor das perspectivas subjugadas, o que não teria sido possível sem um grande período de análise solitária. Afirma, ainda, que uma abordagem altamente interativa não gera necessariamente uma crítica social mais penetrante, concluindo que a metodologia não pode

ser vista como único ponto referencial ao se considerar o valor fortalecedor de uma pesquisa.

O Capítulo 3 - *Bilingualism in the Peruvian Andes* (Bilingüismo nos Andes Peruanos) - de autoria de Penelope Harvey, é um estudo antropológico do uso lingüístico entre as pessoas bilíngües (falantes de espanhol e quíchua) do sul dos Andes peruanos. A pesquisa observa o papel da linguagem na construção e manutenção da hierarquia social em uma cultura de camponeses de um estado pós-colonial. A pesquisa girou em torno da relação entre alcoolismo, fortalecimento pessoal e uso lingüístico (em que situações os falantes usavam uma ou outra língua). A autora relata que passou por um longo período de observação participante nas cidades de Ocongate e Chakachimpa, vivendo nas comunidades, aprendendo as línguas, engajando-se nas atividades do dia-a-dia e tentando compreender os hábitos, costumes e formas de agir da população local. Essa natureza interativa da observação participante pressupõe a negociação dos roteiros de pesquisa entre pesquisador e pesquisado(s) - o pesquisador não pode simplesmente impor uma agenda. A própria relação pesquisador-pesquisado está necessariamente sob constante negociação e reavaliação, o que também tem importantes implicações para a negociação dos roteiros, como foi experimentado pela autora. Buscando compreender o modo como a questão da linguagem e do poder era relevante para os informantes, era vital que ela os tratasse como sujeitos ativos. Nesse processo, gravações escondidas da fala de pessoas bêbadas foram de extrema valia. O reconhecimento das contradições inerentes às relações de poder tornava-se explícito nos momentos em que as pessoas estavam bêbadas, quando reconheciam a sua pobreza, sua falta de poder frente ao colonialismo e hegemonia cultural e econômica do ocidente. Harvey diz que, embora o seu projeto de pesquisa não pretendesse inicialmente fortalecer os pesquisados, o uso da observação participante como método base já foi um passo no sentido de satisfazer as condições para esse tipo de pesquisa. Entretanto, a autora aponta sérias limitações em sua pesquisa quanto à possibilidade de fortalecimento, talvez porque os pesquisados não se interessavam pelo fortalecimento como definido pela autora; esta procurou observar a constituição da hierarquia em nível local, ao passo que aqueles se preocupavam principalmente com o modo como o poder externo agia sobre eles, um tópico sobre o qual a autora não podia informá-los. Assim, Harvey enfatiza que os pesquisados não podiam usar o conhecimento científico da pesquisa não por ignorância, mas porque sua condição social os impedia de agir como especialistas. Seria preciso, segundo ela, direcionar a pesquisa fortalecedora tanto à consciência política dos poderosos quanto à dos desprovidos de poder, no caso, por meio do compartilhamento dos resultados com pessoas na Europa e nos E.U.A., além dos peruanos. O papel que os povos colonizados exigem dos antropólogos é o de defensor deles, segundo roteiros estabelecidos pelos próprios povos.

No Capítulo 4, intitulado *Talking about gender, race and class* (Conversando sobre gênero, raça e classe), Elizabeth Frazer trata da construção de identidades de gênero, raça e classe entre jovens adolescentes inglesas, vindas de meios socioeconômicos diferentes. Seu projeto girou em torno da maneira como o uso lingüístico, a fala das jovens sobre elas mesmas, relacionava-se a suas experiências pessoais. Frazer deu enfoque aos processos pelos quais as mulheres jovens e adultas são compelidas a negociar as opções de casamento, maternidade e trabalho doméstico, e como lidam com a violência e opressão sexual. A abordagem adotada foi a da 'pesquisa democrática', que envolveu três princípios: o princípio de dar espaço para que os roteiros das jovens fossem adotados, o princípio de conferir se a interpretação da autora do que as jovens tinham dito estava de acordo com elas, e o princípio de apresentar-lhes os resultados da pesquisa. Frazer relata a experiência de continuar as sessões com dois grupos, mesmo após o término do trabalho de campo, a pedido das próprias adolescentes, para a produção de uma fotonovela. O projeto, segundo a autora, foi um bom exemplo de valorização dos roteiros das jovens. Se, por um lado, o projeto alcançou essa finalidade, por outro também enriqueceu o projeto de pesquisa original, mostrando como as adolescentes viam questões relativas a feminismo e relações de gênero. Ao analisar a pesquisa sob o ponto de vista do fortalecimento, Frazer vê os dados como potencialmente fortalecedores, pois deram às jovens a oportunidade de experimentarem o discurso e a experiência feministas (em oposição aos discursos tradicionais sobre gênero), de se auto-descobrirem e de adotarem uma posição crítica sobre o assunto. Durante o processo, as garotas puderam construir a si mesmas como agentes sociais. Embora a autora admita que -tenha tido dificuldade em apresentar os resultados da pesquisa às jovens (em termos práticos, tratou mais de *conferir* os resultados com elas), procura mostrar os resultados *sociológicos* da pesquisa, que, de uma forma ou de outra, abriram novos caminhos do saber às jovens.

O Capítulo 5 - "*Respect, please!* ": *Investigating race, power and language* ('Respeito, por favor!' Investigações sobre raça, poder e linguagem) - de autoria de Deborah Cameron, analisa um projeto sobre linguagem e racismo desenvolvido com membros de um clube jovem - Charterhouse - em Londres, que resultou em um vídeo explorando os tópicos de racismo verbal e a herança lingüística afro-caribenha. Diferentemente dos demais projetos relatados no livro, a pesquisa desse capítulo não foi restringida ou controlada por nenhuma exigência institucional, por nenhum supervisor, órgão de financiamento ou editor, apresentando um formato não convencional (ou não acadêmico). O vídeo produzido, chamado "*Respect, please!*", pretendeu mostrar que a linguagem usada pelos negros deveria ser respeitada e que a linguagem usada pela sociedade em geral deveria mostrar respeito pelos negros, evitando expressões racistas e etnocêntricas. No processo, Cameron transmitiu ao

grupo informações sobre as línguas crioulas e a escravidão, traçando sua relação com as línguas européias e africanas; falou também acerca das origens do preconceito contra a fala da comunidade negra e da classe trabalhadora, e sobre os argumentos sociolinguísticos de que todas as variedades são lingüisticamente aceitáveis. A reação do grupo foi de tanto interesse e auto-valorização que Cameron percebeu que a pesquisa defensora é necessária mas não suficiente. Não basta que os lingüistas, professores e fonoaudiólogos saibam sobre as variedades lingüísticas dos negros; os próprios falantes negros deveriam possuir as informações relevantes e as ferramentas analíticas para fazerem uso delas como lhes conviesse, buscando mudanças fundamentais, quer no nível do auto-conhecimento, quer no da prática institucional. O conhecimento deve propagar-se do campo dos 'especialistas' e retornar à comunidade. O projeto de Charterhouse tratou da redistribuição do conhecimento, uma dimensão importante da pesquisa interativa e fortalecedora. Cameron discute, ainda, a própria definição de pesquisa, sugerindo que ela não é uma categoria transparente (assim como os cânones do conhecimento em geral), e, sim, muitas vezes construída, autoritária, com um roteiro político oculto. Propõe uma definição ampla de pesquisa, que reconheça que ela possa ser feita por outras pessoas que não acadêmicos profissionais e para diferentes tipos de platéia.

O último capítulo do livro retorna às três afirmações programáticas feitas na introdução ("As pessoas não são objetos e não devem ser tratadas como tal." / "Os sujeitos têm seus próprios roteiros e a pesquisa deveria procurar considerá-las." / "Se é válido possuir o conhecimento, é válido compartilhá-lo"), buscando analisá-las mais criticamente, à luz dos dados fornecidos nos estudos de caso. Na conclusão, o valor da pesquisa é reforçado e são apresentados os alvos que o pesquisador deve tentar atingir: a originalidade, a análise minuciosa, o engajamento com a literatura e com as propostas existentes sobre o tema e, na medida do possível, em função dos aspectos da pesquisa, os objetivos fortalecedores.

*Researching language* se constitui numa obra inovadora e de grande valia para os pesquisadores da linguagem e das ciências sociais, apresentando orientação prática para a realização de uma pesquisa útil e relevante para todos os envolvidos nela. Em uma época em que o estudo da linguagem atinge o âmbito interdisciplinar, faz-se necessária a constante discussão da metodologia envolvida, que deve visar à consolidação do (re)conhecimento bi ou multi-lateral - do pesquisador, dos pesquisados e demais envolvidos no processo de pesquisa.